

# Abordagem aos Encouraçados no Tagy<sup>i\*</sup>

## *Abordaje a Los Acorazados en Tajy*

**Aldeir Isael Faxina Barros**

Pesquisador autônomo que se dedica aos estudos sobre a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, mais especificamente no tocante à guerra fluvial. Possui publicações em eventos regionais, internacionais e revistas ligadas à temática.

### RESUMO

A Guerra da Tríplice Aliança contra a República do Paraguai foi permeada por diversos combates de abordagem devido às características geográficas das zonas de conflito, formadas por diversos rios. Este escrito tem por finalidade analisar o ataque ocorrido contra o Encouraçado *Barroso* e o Monitor *Rio Grande*, ancorados próximos à bateria de Tagy. Para tal, foram cotejadas informações oriundas de jornais do período, livros e documentos produzidos pela Marinha Imperial, além de também ser analisada a produção iconográfica referente ao fato. Após a análise dos materiais elencados como fontes, foi possível inferir os motivos, meios e finalidades que resultaram em tal abordagem. Devido à resistência das guarnições e à cooperação com as forças terrestres, a tropa assaltante foi derrotada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Abordagem fluvial; Campanha de Humaitá; Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai

### RESUMEN

*La Guerra de la Triple Alianza contra la República del Paraguay estuvo impregnada por varias acciones de abordaje debido a las características geográficas de las zona de conflicto, constituida por abundantes cursos fluviales. El propósito de este trabajo es analizar el ataque al acorazado Barroso y el monitor Rio Grande, anclado cerca de la batería de Tajy. Para ello, se cotejó información de periódicos de la época, libros y documentos elaborados por la Armada Imperial, además de analizar la producción iconográfica relacionada con el hecho. Después de analizar los materiales listados como fuentes, fue posible inferir las razones, medios y propósitos que motivaron tal abordaje. Debido a la resistencia de las guarniciones y la cooperación con las fuerzas terrestres, las tropas atacantes fueron derrotadas.*

**PALABRAS CLAVE:** *Abordaje fluvial; Campaña de Humaitá; Guerra de la Triple Alianza contra el Paraguay*

### INTRODUÇÃO

A guerra contra a República do Paraguai, iniciada em 1864 com uma campanha ofensiva por parte das tropas paraguaias, passou a ter uma nova roupagem após a derrota na Batalha de Riachuelo em 11 de junho de 1865. Isso obrigou, em parte, o retraimento das tropas paraguaias para solo pátrio. As forças aliadas se prepararam para a invasão do território inimigo. O desembarque em Passo da Pátria iniciou a ofensiva aliada. A estraté-

---

\*Artigo recebido em 18 de junho de 2020 e aprovado para publicação em 3 de março de 2021.

Navigador: subsídios para a história marítima do Brasil. Rio de Janeiro, V. 17, nº 33, p. 98-114 – 2021.

gia empregada consistiu na utilização da Marinha Imperial como suporte logístico do Exército, além de destruir o restante da Marinha paraguaia e combater as fortificações erigidas ao longo do Rio Paraguai e seus tributários.

A derrota em Curupaiti (22 set. 1866) restringiu por um longo período as ações aliadas, tendo, inclusive, influenciado a mudança no comando das forças imperiais. Em 15 de agosto de 1867, uma divisão de dez encouraçados forçou o passo de Curupaiti, iniciando o canhoneio contra Humaitá. A tomada da barranca de Tagy, situada acima de Humaitá e na margem esquerda do Rio Paraguai, forneceu suporte logístico para que os encouraçados forçassem o passo daquela fortaleza.

A passagem de Humaitá só veio a ocorrer em 19 de fevereiro de 1868, onde seis navios encouraçados superaram as defesas impostas pela geografia e pelas tropas paraguaias. Durante o forçamento, o Monitor *Alagoas* ao passar por Timbó – posição artilhada acima de Humaitá e do lado direito do rio - sofreu uma tentativa de abordagem por meio de canoas.

Com essas ações a praça de Humaitá passou a ter contato e se abastecer graças a um longo caminho aberto no Chaco, que ligava Humaitá a Timbó e este ponto a Monte Lindo, situado um pouco acima da foz do Rio Tebiquari. Entretanto, as dificuldades de manter a fortaleza diante do assédio aliado, provavelmente influíram na concepção de um plano de abordar os navios situados entre Humaitá e Curupaiti. Tal evento ocorreu na madrugada de 2 de março de 1868. Após uma renhida luta e tenaz resistência por parte dos abordantes, estes sucumbiram perante a superioridade da Marinha Imperial.

No dia posterior, 3 de março, o Presidente Francisco Solano López deixou Humaitá com destino à estância de San Fernando, situada próxima à desembocadura do Rio

Tebiquari, onde foi formado um acampamento e reorganizado o Exército. Diante das dificuldades geradas pelo cerco, as tropas paraguaias foram se retraindo para o quadrilátero de Humaitá. O Marquês de Caxias, ciente da utilização da via do Chaco para a manutenção da fortaleza, organizou em maio de 1868 a ocupação desse local por forças argentinas e brasileiras, comandadas pelo General Rivas. Diante disto e com o corte da linha telegráfica do Chaco que ligava Humaitá a Timbó, a praça estava seriamente isolada, incapacitada de receber suprimentos e somente através de audazes emissários mantinha comunicação com o Marechal López.

*A priori*, ferrenhos combates foram travados no Chaco. As forças comandadas pelo Coronel Bernardino Caballero – responsável por Timbó – objetivavam expulsar as tropas aliadas. Foram tomadas diversas medidas no intuito de evitar a fuga dos remanescentes de Humaitá. As informações de desertores e prisioneiros paraguaios suscitavam rumores que as forças acampadas no Tebiquari iriam atacar Tagy, em socorro dos defensores de Humaitá. Diante dessa situação crítica para os paraguaios, um novo plano de abordagem aos navios brasileiros foi idealizado, sendo colocado em prática na noite de 9 de julho de 1868.

### UMA ABORDAGEM ESPERADA?

Findado o combate de abordagem em Tagy, realizou-se o interrogatório dos prisioneiros. O relato do 2º Sargento José Fructo Guerreiro é digno de nota e será apresentado por conter importantes informações balizadoras que serão abordadas e discutidas ao longo do trabalho.

José Fructo Guerreiro, sargento 2º do 8º batalhão de infantaria, natural de Quiquió, com 23 anos de idade e três de serviço militar. Declarou: que há 2 meses López fez tirar gente

escolhida de todos os corpos de infantaria, cavalaria e de marinha e com eles organizou o corpo denominado – de marinheiros voga – avante (marinheiros vogavante) – composto de 250 praças e 20 oficiais, destinado a tomar por abordagem os nossos encouraçados. Que este corpo levou a fazer, em todo aquele tempo, exercícios adequados ao fim a que se propunha, na costa do Paraguai. Que há 12 dias tiveram ordem de passar para o Chaco e vir tomar os nossos dois encouraçados, que López supunha estarem fundeados na embocadura do rio Vermelho; que trazendo para tal fim as 20 canoas, em carretas por terra, as foram largar sobre o mesmo rio; vieram depois observar, e não tendo encontrado ali os mencionados encouraçados, deram disto conhecimento a López, que então ordenou que mandassem examinar onde se achavam; e sabendo que em Tagy, determinou que os fossem buscar. Que em vista desta ordem, saíram à meia-noite do dia 9 e vieram em 20 canoas, perfazendo duas divisões de 10 canoas cada uma, destinadas a tomar os dois encouraçados, vindo em cada uma delas 2 sargentos, 2 cabos e oito praças e bem assim cinco granadas de mão, três lanças, 12 sabres, e 2 espingardas, 12 pacotes de cartuchos; 1 foguete a congreve, e 1 tubo cheio de um misto de cuja inflamação resultava a morte por asfixia ou envenenamento. Que cada divisão era dirigida por 10 oficiais, sendo entre eles 2 de marinha. Que vinham também alguns maquinistas e um vaqueano, mas que não sabe se estes maquinistas eram ingleses ou não, visto falarem perfeitamente o Guarany, e por isso supõe serem paraguaios [...] (OSÓRIO; OSÓRIO, 1915, p. 437).

O ataque aos navios e o relato do Sargento Guerreiro coincidem com uma informação transcrita no dia 9 de junho de 1868 pelo Exército Imperial. Um prisioneiro obtido nas proximidades do arroio Jacaré por forças do Brigadeiro João Manuel Menna Barreto, que havia sido incumbido de realizar uma exploração – combinada com navios da esquadra – até próximo ao Rio Tebiquari, informou que o Marechal López pretendia abordar novamente navios encouraçados. O Diário do Exército registrou o fato da seguinte forma:

Fez-se o interrogatório ao prisioneiro vindo ontem de nome Evaristo Chamorro, 2º Sargento do regimento Nº 12 da cavalaria inimiga, com 24 anos de idade e quatro de serviço militar.

Fez ele importantes revelações, entre elas a de que López tencionava mandar tomar por abordagem o monitor existente no Tagy, para cuja empresa havia já organizado uma força, cujo comando seria confiado ao alferes Cypriano Vellaco, que fizera parte da força que na madrugada de 2 de março último fora abordar os nossos encouraçados abaixo de Humaitá (DIÁRIO DO EXÉRCITO /n: RIHGB, 1926, p. 396).

Durante o decorrer da guerra era comum o envio de partes oficiais, mapas, esboços, cartas, entre outros, para serem publicados nos jornais e revistas dos países envolvidos. A informação do Sargento Chamorro foi reproduzida em ao menos nove periódicos<sup>1</sup> de diversas províncias do Império do Brasil até a data da abordagem. Arthur Silveira da Motta – o Barão de Jaceguay – havia recebido uma licença médica (fato corriqueiro durante a guerra, onde os solicitantes nem sempre estavam doentes, mas contavam com a simpatia de médicos e autoridades) para retornar ao Rio de Janeiro por três meses

para tratar de sua saúde, entretanto, havia prorrogado sua partida esperando que ocorresse a abordagem. Logo após o ataque a licença foi novamente requerida. O mesmo oficial também confidenciou em carta ao seu pai, datada de 8 de julho, que esperava uma abordagem ao seu navio (JACEGUAY, 1984). Deste modo, o ataque era de conhecimento prévio, até mesmo no império. Só restava saber quando e como aconteceria.

### OBJETIVOS DO ATAQUE

A abordagem aos encouraçados no Tagy deveu-se majoritariamente pela necessidade de manter a fortaleza de Humaitá. Ao observar o decorrer da campanha homônima, do retraimento à evacuação daquela praça forte pelo Exército paraguaio, a ocupação do Chaco impossibilitou o recebimento de suprimentos, ficando patente que a fortaleza não poderia ser mantida. Nesse sentido, George Thompson (1968)<sup>2</sup> e Juan Crisostomo Centurión (1897) são acordes em amparar a ideia de que a abordagem aos encouraçados no Tagy objetivava de algum modo evitar a queda de Humaitá.

No entanto, esses mesmos autores – também corroborados pela declaração do oficial paraguaio prisioneiro Manuel Palacios em 1870<sup>3</sup> – indicam que o Marechal López visava obter tais embarcações de modo a reverter o curso da guerra, expulsando das águas do Rio Paraguai a Marinha Imperial.

Fato que foge da área estratégica, entretanto que não deve ser considerado, reside no sentimento de desforra, pois cinco encouraçados *a priori* encomendados pelo governo paraguaio vieram a ser adquiridos e utilizados pela Marinha Imperial

Brasileira (GRATZ *In*: RMB, 1999). Solano López tinha ciência, desde o princípio, sobre a deficiência de sua Marinha. Em uma visão geral do conflito, os planos e as tentativas de conseguir outras embarcações fizeram parte de, praticamente, todas as fases da contenda.

### PLANEJAMENTO E CENÁRIO DO EMBATE

O historiador paraguaio Efraim Cardozo (1906-1973) em sua obra *Hace Cien Años* fornece importantes dados acerca da preparação paraguaia para o ataque. Infelizmente, os diversos despachos telegráficos entre o Marechal López e o Coronel Bernardino Caballero não são referenciados. O plano de ataque foi traçado quando Caballero (Comandante de Timbó) foi a San Fernando conferenciar com o Marechal López. Desta entrevista ficou acertado que as forças postadas em Timbó deveriam cooperar com a ação (CARDOZO, 1977).

O plano paraguaio foi idealizado no intuito de abordar uma única embarcação. Conforme o cerco a Humaitá se fechava através da ocupação do Chaco, surgiam desertores afiançando que as forças postadas no Tebiquari iriam atacar as linhas brasileiras, patrulhas na direção de Pilar pareciam confirmar isso. Diante desse cenário, o Marquês de Caxias ordenou que o Monitor *Rio Grande* fosse ancorar próximo ao Tagy, de modo a auxiliar com sua artilharia a defesa do ponto. O monitor chegou no dia 18 de maio de 1868. Outro monitor – o *Alagoas* – esteve em Tagy no início deste mês e foi utilizado para canhonear uma força de infantaria vinda em dois vapores que desembarcava em Pilar (DIARIO DO EXÉRCITO *In*: RIHGB, 1926).

Neste momento, enquanto o *Rio Grande* estava em Tagy, os outros cinco navios se revezavam em canhonear Timbó e Humai-

tá; transportar tropas e suprimentos para os milhares de homens postados no Chaco; além de um deles ter que forçar regularmente a bateria de Timbó para se abastecer de combustível, munição e suprimentos em Tagy e transportá-los aos demais navios abaixo do Timbó. Expedições ao Tebiquari eram também frequentes. Entre os dias 4 e 11 de junho, um reconhecimento combinado com o Exército foi levado a cabo por quatro navios à foz do Tebiquari.

No regresso dos navios, enquanto se supriam em Tagy, Caxias obteve a declaração supracitada do Sargento Chamorro e “em vista das revelações feitas pelo referido prisioneiro deu S. Ex. os necessários avisos e ordens tendentes a evitar que se realizassem os planos que concebia o inimigo sobre o nosso monitor” (DIARIO DO EXÉRCITO *In*: RIHGB, 1926, p. 397). Tais ordens consistiam em manter o *Barroso* junto ao monitor em Tagy e ambos se prepararem para o golpe de abordagem, em consonância com as tropas do Exército.

As tropas paraguaias empregadas para o assalto às embarcações foram denominadas “Bogavantes”, também chamadas de “Vogavantes”. Convém citar que tal denominação a princípio foi empregada para denominar as tropas que construíam e manejavam canoas desde o começo da guerra. Porém, durante a campanha de Humaitá (1866-1868) o termo Bogavante foi utilizado em referência aos soldados que abordaram os encouraçados da Marinha Imperial.

Esses assaltantes foram removidos de diversos corpos de infantaria, cavalaria e Marinha, sendo elegidos por seus superiores segundo características definidas com relação à bravura, além de serem exímios nadadores. Tal formação foi remetida para uma região situada na parte superior da foz do Tebiquari em um local onde o Rio Paraguai possuía um canal, denominado arroio Recodo, ali foram exercitados para a prática de abordagem, usando para tal os vapo-

res paraguaios que ficavam estacionados nessa paragem (THOMPSON, 1968).

Tagy se localizava em uma barranca elevada, na margem esquerda do Rio Paraguai. Havia sido erigido um forte com diversas peças de artilharia de campanha de modo a obstar a navegação. Na parte superior se projetava o acampamento de diversos batalhões do Exército. De Tagy partia um fio telegráfico para o quartel-general brasileiro em Tuyu Cué. A comunicação foi interrompida no dia 9 de julho, o fio fora cortado próximo à mata do Potreiro Ovelha “por um paraguaio que depois do ato foi observado pelas nossas vedetas de cavalaria, mas que sendo perseguido pelas mesmas, conseguira evadir-se pela mata, donde havia surgido” (DIARIO DO EXÉRCITO *In*: RIHGB, 1926, p. 426-427).

Efraim Cardozo (1977) demonstra uma participação telegráfica do Marechal López ao Coronel Caballero, datada do dia 5 de julho, onde foi mencionado que os Bogavantes haviam iniciado marcha pela estrada do Chaco, com o objetivo de alcançarem o leito do Rio Vermelho. Deste local partiriam para abordarem os navios no Rio Paraguai, visto que a foz daquele se localizava pouco acima de Tagy.

Como já citado, a inexistência de fontes do trabalho de Cardozo (1977) dificulta, em parte, o entendimento dos meios empregados. A cooperação relacionada às tropas em Timbó por ora aparentam indicar que criariam uma manobra de distração naquela região caso os navios abaixo deste ponto avançassem; em outro momento apresentam indícios que aqueles navios também poderiam ser abordados; e, por fim, que uma das divisões que abordaram os navios eram comandadas por um oficial do Timbó.

Cardozo (1977) escreveu que nos dias 6, 7 e 8 não se avistaram os navios a serem abordados na foz do Rio Vermelho. No dia 21 de junho, o *Barroso* e o *Rio Grande*

praticaram uma exploração ao Tebiquari. Ao retornarem, em parte oficial a Delfim Carlos de Carvalho (o Barão da Passagem), Jaceguay informou que os paióis de combustível estavam quase vazios e que necessitava remediar avarias no maquinismo da embarcação em local seguro e que “por estes dias irei bombardear o Timbó pela parte de cima, como V. Ex<sup>a</sup> prescreveu-me em minhas instruções” (JACEGUAY, 1984, p. 313). É plausível que entre os dias 6 e 8 de julho o par de navios não estivesse em Tagy, estando nas proximidades de Timbó.

Entretanto, no dia 9 os navios foram avistados próximos à bateria de Tagy. A chefia da expedição paraguaia estava a cargo do Ajudante de Ordens Major Francisco Lino Cabriza (Figura 1) e não de Cypriano Vellaco como dito pelo Sargento Chamorro. Outros nomes foram citados por Efraim Cardozo (1977), como o Capitão Ignacio Coni Caballero, o Comandante José Manuel Montiel e o Segundo-Tenente Octaviano Bogarin, comissionados para a expedição.



Figura 1: provavelmente a única fotografia conhecida do Major Francisco Lino Cabriza. Fonte: cortesia do historiador uruguaio Alberto Del Pino Menck

O Encouraçado *Barroso* (Figura 2) estava ancorado em frente ao Canal da Monterita e acima da bateria de Tagy, local com melhor ancoradouro e com vistas a cobrir o flanco do abarracamento do Exército naquela posição. Neste ponto, estava fora do raio de alcance da artilharia do Forte de São Gabriel, em Tagy. O *Rio Grande* estava abaixo do *Barroso* e próximo à margem esquerda do rio. Como sabiam que poderiam ser abordados, provavelmente ambas as embarcações conservavam o vapor no limite para poderem se mover em poucos minutos, caso necessitassem. O que de fato veio a ocorrer. A planta nº 9<sup>o</sup> da obra compilada pelo engenheiro Emílio Carlos Jourdan (1871) fornece uma excelente perspectiva da geografia do cenário desse combate.



Figura 2: Encouraçado *Barroso*, provavelmente fotografado no pós-guerra. Fonte: catálogo do site Levy Leiloeiro®

A altura da borda livre dos navios abordados era exígua. O *Barroso* possuía uma borda livre de 1,7 m, entretanto, deste valor, 1,1 m se tratava de uma borda removível, só utilizada para navegações oceânicas. Na Figura 2, o navio está equipado com esse tipo de borda, que também pode ser nomeada de borda falsa. Para o navio utilizar sua artilharia, era necessária a remoção do mencionado equipamento, assim, restava 60 cm de altura em relação ao nível do rio ao convés. O Monitor *Rio Grande*, por sua própria classe, possuía também uma diminuta borda livre (GRATZ, 1999-2000). Ambos, então, eram facilmente abordáveis.

Um recurso utilizado nas “embarcações de madeira” do período consistia na instalação de redes antiabordagem. Entretanto, caso fossem instaladas nos navios encouraçados impediriam o uso de sua artilharia, pois caso fosse disparada acabaria por destruir essa proteção. Um navio inimigo com costado alto também poderia lançar seus abordantes sobre a proteção. O meio defensivo empregado em tais situações de combate consistia em adentrar toda a tripulação na embarcação e realizar a defesa dessa posição, com exceção de uma estrutura presente sobre a casamata do Encouraçado *Barroso* que será tratada adiante.

Os Bogavantes, em número aproximado de 270 homens, vieram em 20 canoas, em pares, atreladas por uma corda à popa para que a força da correnteza prendesse uma a cada lado da proa da embarcação abordada. Foram levadas pela corrente do rio, entretanto, alguns homens estavam munidos de remos, que ao menor sinal de detecção deveriam ser utilizados. Como em 2 de março de 1868, foram utilizadas plantas aquáticas para mimetizar os pares de canoas com as ilhas flutuantes – as quais davam o nome de camalotes – que passavam arrastadas pela correnteza nas enchentes. Como naquele período uma grande enchente estava ocorrendo, existia uma profusão daquelas vegetações sendo levadas rio abaixo. Após saírem do Rio Vermelho costearam a parte oeste da Ilha da Monterita, saindo no canal homônimo em frente ao Encouraçado *Barroso*.

## **O COMBATE E SEU DESENLACE**

Infelizmente não são disponíveis muitas fontes paraguaias sobre esse combate. Basicamente existem os relatos de Thompson e Centurión, sendo que este teve, visivelmente, forte influência daquele, ao escrever sobre a abordagem em Tagy. Diante disto, foram utilizadas, além dos

materiais supracitados, as partes oficiais remetidas entre o comandante do *Barroso* para Caxias e para o Barão da Passagem, além da correspondência dessas com demais autoridades. Nesta pesquisa não foi possível encontrar a parte oficial remetida pelo imediato do Monitor *Rio Grande*, o que aclararia parte do embate.

Thompson (1968) e Centurión (1897) indicam que das duas divisões de canoas apenas a que se dirigiu ao monitor conseguiu abordá-lo, visto que a guarnição do *Barroso* pressentiu o ataque e imediatamente rechaçou os Bogavantes. Seguindo o relato destes autores, posteriormente este encouraçado teria se aproximado do monitor e disparado tiros de metralha sobre os atacantes, auxiliando-o. Fato também ocorrido no combate de 2 de março, pelos navios abaixo de Humaitá.

Em contrapartida, segundo Jaceguay (1984), no momento da abordagem o Encouraçado *Barroso* encontrava-se fundeado acima do Tagy, na saída do Canal da Monterita e na entrada de uma lagoa próxima ao acampamento. Tal disposição foi explicada pelo comandante do encouraçado, que o procurou devido ao péssimo ancoradouro próximo à bateria de Tagy, local que já havia perdido uma âncora, além de que, com essa nova posição, pôde-se flanquear o acampamento das forças de infantaria do Exército.

O mesmo autor escreve que o Monitor *Rio Grande* estava fundeado pela popa de seu navio, junto à mata da margem esquerda do rio. A distância entre os dois navios era de “meia amarra” sendo que o monitor se achava mais encostado à margem esquerda do rio. Sobre o auxílio da bateria em caso de abordagem, em sua parte oficial fica claro que “nas condições, pois, em que me achava, nenhuma proteção podia oferecer-me a bateria, sem que movesse o navio de modo a ir ficar debaixo dela” (JACEGUAY, 1984, p. 314).

Às 11h50, do dia 9 de julho, os Bogavantes foram pressentidos pelo Oficial de Quarto, 2º Tenente Alfredo Pereira de Araujo Neves. Este chamou a guarnição a postos e iniciou a defesa do navio. Sobre o momento, Jaceguay menciona que “com o ruído das armas corri a casamata e ao chegar ali ainda nenhum paraguaio havia saltado no convés deste navio, que, entretanto, já estava cercado de canoas da casamata para avante” (JACEGUAY, 1984, p. 314).

Um excerto do diário do prático do *Barroso*, Capitão-Tenente Fernando Etchebarne, corrobora com o relato de Jaceguay, visto que, segundo este, o Monitor *Rio Grande* não foi abordado no mesmo momento que o *Barroso*. Etchebarne anotou que

às 11  $\frac{3}{4}$  da noite fomos abordados pelo inimigo, primeiro o encouraçado *Barroso* que se encontrava à frente e depois o *Rio Grande* por mais de 20 canoas tripuladas cada uma por 12 homens e um oficial, o assalto que nos trouxe o inimigo foi dado com ímpeto e valor, tinham em seu poder todo o necessário, como granadas de mão e tubos carregados com materiais asfixiantes para quando nos encerrássemos no interior no navio, enquanto fomos abordados tratamos da defesa e de manobrar de modo que pudéssemos salvar nosso companheiro o monitor *Rio Grande*, que também foi abordado na mesma ocasião (JACEGUAY, 1984, p. 362, tradução nossa<sup>7</sup>).

Assim que os Bogavantes subiram no *Barroso*, “trataram de tomar a bossa a amarra para que o navio não pudesse cair a ré, isto debaixo de fogo vivo de fuzilaria; vê, pois, o esforço que fazem eles para obter um encouraçado” (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 26 jul. 1868). Impossibilitados de içar a âncora, planejavam, provavelmente, impedir que o encouraçado se postasse mais abaixo do ponto, na

posição em que as baterias pudessem o acertar com metralha e disparos da infantaria pelos assaltantes, além ser possível o emprego do canhão do monitor, que não fora ainda abordado.

Toda a guarnição estava a postos, combatendo. Os disparos e golpes com armas brancas (chuços, piques, machadinhas etc.) surgiam das escotilhas, portinholas e seteiras. Entretanto, os encouraçados que possuíam casamatas estavam equipados com uma espécie de amurada sobre elas (Figura 3). No *Barroso*, essa construção sobre a sua casamata muito contribuiu para a defesa durante a abordagem. Sobre tal estrutura, ainda em 1866, o engenheiro André Rebouças visitando um conhecido seu a bordo do *Barroso* registrou:

O encouraçado *Barroso* e todos os outros trazem efetivamente sobre as casamatas uma espécie de capoeira descoberta, formada por pranchões de pinho de 3 polegadas reforçados por uma chapa de ferro de 2 mts. (milímetros) de espessura.

Há uma fresta por todo o perímetro á meia altura, pela qual só se poderá atirar de joelhos. Uma tal obra só pode defender de fogos de fuzilaria; bastará uma bala de artilharia para destruí-la totalmente comprometendo fatalmente todos os que aí se acharem (REBOUÇAS, 1866, p. 29).

Essa estrutura auxiliou sobremaneira na defesa do navio. Sete homens guarneceram e mantiveram esta posição durante todo o combate. Se os Bogavantes ali subissem não poderiam ser hostilizados pela marinhagem do interior do navio. Os assaltantes que estavam sobre o convés permaneciam sujeitos às pontarias oriundas da casamata, que partiam pelas diversas aberturas existentes, além daquelas dos soldados postados na parte superior desta.





Figura 3: Encouraçados *Tamandaré* (esq.) e *Brasil* (dir.) após o ataque a Curupaiti (22 set. 1866) (detalhes). Fonte: litografias. Anon. da Offc. de Pelvilain (Buenos Aires). (Atribuídas a Adolf Methfessel)

O capitão do *Barroso* mencionou que reservou “as metralhas com que estavam carregadas as peças de vante para quando o inimigo ocupasse em massa o convés; assim foi que o efeito destes projéteis produziu um estrago considerável em um grande grupo de paraguaios, quando empreguei-os oportunamente” (JACEGUAY, 1984, p. 314). Essa tática deriva da experiência da abordagem de 2 de março, onde uma vez que o canhão era disparado os serventes da peça de artilharia tinham que colocar as hastes dos soquetes para fora da casamata de modo a introduzi-los nos canhões. Assim, ou esses eram-lhes arrebatados ou os serventes feridos. Com o navio abordado, depois de um disparo, dificilmente o canhão seria novamente carregado, enquanto no convés existissem Bogavantes vivos.

Partindo dessa estratégia, Jaceguay (1984, p. 317) relata que quando cerca de 30 Bogavantes se agruparam na proa de seu navio “um só tiro de peça de calibre 120 bastou para varrer o convés, onde só ficaram cadáveres ou corpos de moribundos”. Parte dos abordantes que estavam nas últimas canoas ainda buscavam atracar. Os sobreviventes decidiram ir para a popa do *Barroso*, mesmo nas canoas, onde encontraram a mesma defesa, pois ali havia, provavelmente, mais dois canhões carregados.

O *Barroso* começava a se mover para trás, com o intuito de se aproximar do

monitor, para que este metralhasse o seu convés, ou ainda, para postar-se debaixo da bateria de Tagy. O navio executava essa manobra “arrastando a âncora”, devido aos Bogavantes terem impedido o içamento desta. Concomitantemente, o *Rio Grande* “seguia avante e metralhava as canoas já viradas, ou cheias d’água, pelo movimento do hélice” (JACEGUAY, 1984, p. 317). Seguindo o relato, quando os Bogavantes observaram o monitor já próximo ao *Barroso* (ver Figura 4), partiram na direção daquele em uma de suas canoas e em uma embarcação do encouraçado.



Figura 4: abordagem do Encouraçado *Barroso* e Monitor *Rio Grande*<sup>8</sup> – Edoardo De Martino. Fonte: acervo do Museu Histórico Nacional – Cortesia de Álvaro Saluan da Cunha

Quando esses assaltantes chegaram ao monitor, seu comandante – Capitão-Tenente Antonio Joaquim – com algumas praças da guarnição sobre o convés tentaram debalde impedir que o *Rio Grande* fosse abordado. Este ato resultou no desaparecimento desse chefe e ferimentos

entre seus marinheiros, sendo o navio a partir de então comandado pelo imediato. O desaparecimento de Antonio Joaquim gerou boatos que ele havia sido aprisionado, o que se dissipou no dia 16 do mesmo mês. Seu cadáver foi encontrado boiando em avançado estado de decomposição na mesma região de Tagy, sendo sepultado na barranca homônima.

De Tagy, as forças do Exército assim que ouviram o iniciar do combate foram dispostas pelo comandante da posição – Brigadeiro José Manuel Menna Barreto –, visto

que o General Victorino Monteiro se achava doente, e “prontamente formados os corpos deste Exército, coloquei o 40<sup>o</sup> de voluntários sobre a margem do rio, em linha, para com os fogos fazer abortar o plano do inimigo” (ver Figura 5) (DIARIO DO RIO DE JANEIRO, 25 jul. 1868). O resto da tropa ficou de guarda no reduto para proteger a posição, outra seção foi incumbida de alertar os postos da cavalaria que se achavam a certa distância e em várias direções. Esperava-se um ataque por parte das tropas postadas no Tebiquari, o que não ocorreu.

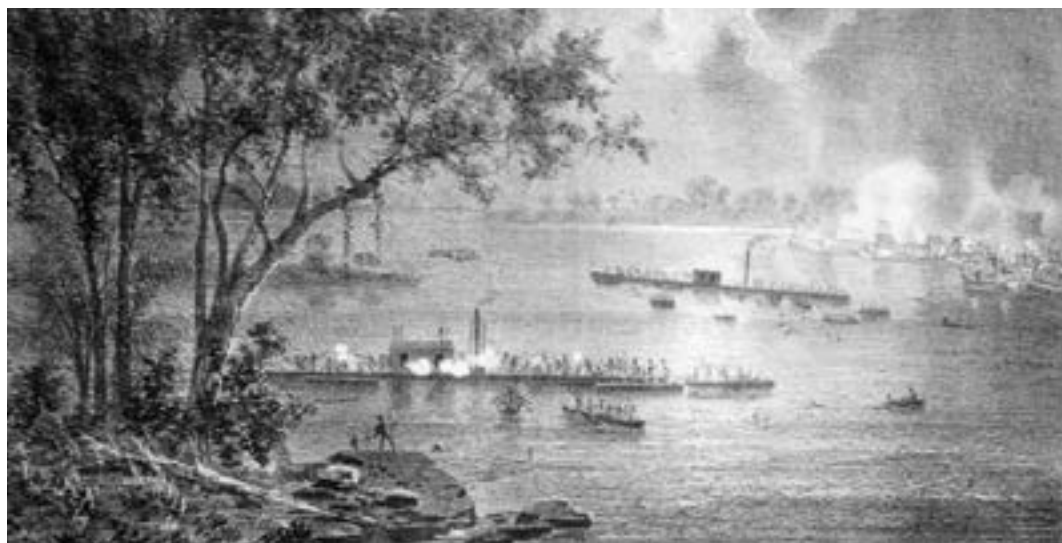


Figura 5: representação da abordagem aos encouraçados, ao fundo a direita pode ser avistado Tagy. Fonte: suplemento da *Semana Illustrada*, 2 ago. 1868<sup>9</sup>

Com o intento de abordagem frustrado, os Bogavantes sobreviventes buscavam alcançar as margens a nado ou nas canoas que restaram. Menna Barreto escreveu que

contra os que passaram em canoas pela frente das baterias do reduto, mandei fazer fogo de metralha pela nossa artilharia e de fuzilaria pelas praças que guarneciam o parapeito. Aos que seguiram entre esta posição e o Pilar pela margem do rio mandei perseguir por força de infantaria, apoiada por cavalaria do lado do campo (DIARIO DO RIO DE JANEIRO, 25 jul. 1868).

O *Barroso*, após realizar o movimento de arraste da âncora e suprimir a abordagem, se postou próximo à bateria de Tagy. Os oficiais e a guarnição, já senhores do navio, foram confundidos pela infantaria. Neste momento, ocorreu uma descarga de fuzilaria da barranca, atingindo o práctico do *Barroso*, Etchebarne. Na parte oficial foi mencionado que

quando eu levantava vivas que eram entusiasticamente correspondidos pela minha briosa guarnição, que uma bala veio ferir a meu lado o bravo, inteligente e dedicado práctico Capitão-Tenente Etchebarne, que tanto me havia coadjuvado

neste combate, como em todas as outras ocasiões em que tenho tido a meu lado esse prestimoso oficial. Na mesma ocasião caíram feridas quatro praças mais (JACEGUAY, 1984, p. 315).

No tomo II da obra de Jaceguay, estão anotados outros pormenores do combate, além da crítica ao oficial comandante do 9º batalhão de infantaria, que estendido sobre a barranca em frente ao forte ordenou os disparos em direção ao encouraçado, presumindo que este havia sido tomado ou que ainda estava abordado. O comandante do *Barroso* comenta que tal ação foi completamente imprudente visto a claridade presente naquela noite pelo efeito da lua. Neste relato, divergindo da parte oficial, Jaceguay mencionou que dois homens foram mortos no convés do *Barroso* em decorrência daqueles disparos. Estes possíveis mortos não aparecem assinalados nos registros de baixas (JACEGUAY, 1985; FRAGOSO, 1934; AZEVEDO, 1870).

Sobre os mortos e feridos brasileiros do combate, o livro que contém os documentos compilados de Jaceguay – *De Aspirante a Almirante* – não possui todos os anexos da parte oficial, provavelmente por extravio. Entretanto, esse documento foi publicado na íntegra em diversos periódicos. No “Diário do Rio de Janeiro” (24 jul. 1868) as relações das baixas estão orçadas em 11 homens. Compreendem lesões por projéteis, lâminas e outros objetos. A obra “Historia medico-cirurgica da esquadra brasileira nas campanhas do Uruguay, e Paraguay de 1864 a 1869”, do Dr. Carlos Frederico, corrobora estes dados e acrescenta um ferimento por arma de fogo na parte frontal do rosto, que pode se inferir pertencer ao comandante do Monitor *Rio Grande* (AZEVEDO, 1870, pp. 358-359).

Como resultado das partidas expedidas para aprisionar os Bogavantes em terra, Menna Barreto informou que “fize-

mos vinte e três prisioneiros [leia-se vinte e quatro], sendo quatro tenentes, um alferes e dezenove praças” (DIARIO DO RIO DE JANEIRO, 25 jul. 1868; O GLOBO, 10 jul. 1875). Jaceguay nomeia em anexo a parte oficial do combate os seis prisioneiros feitos pelas guarnições dos dois navios abordados, os quais constam no seguinte documento:

Nº 2 – Relação dos prisioneiros feitos na noite de 9 a 10 de Julho de 1868 a bordo dos encouraçados *Barroso* e *Rio Grande*.

Prisioneiros do monitor *Rio Grande*: Tenente de cavalaria do 8º regimento Basilio Rojas, alferes de Marinha Vicente Almirão.

Ditos da corveta *Barroso*: 1º Sargento Assencio Pereira, do 40º batalhão de infantaria; cabo Fleto Morel, do 37º batalhão de infantaria, soldado Evangelista Marconi, do batalhão nº 8 de infantaria; dito José Lopes, do batalhão 19º de infantaria.

Bordo da corveta encouraçada *Barroso* no Tagy, em 10 de Julho de 1868 – Arthur Silveira da Motta, capitão de fragata, comandante (DIARIO DO RIO DE JANEIRO. 24 jul. 1868).

O somatório dos prisioneiros alcançou 30 homens. Centurión (1897) mencionou que algumas das canoas tripuladas que inicialmente se dirigiram ao *Barroso*, após o combate puderam alcançar o Timbó. Muitos Bogavantes são e feridos foram encontrados e recolhidos pela manhã nas margens do rio, que haviam alcançado a nado. Efraim Cardozo (1977) mencionou que, por ordem do Marechal López, foi vasculhada a margem do Chaco e expedidas canoas para recolherem os homens. Informação corroborada pela exploração do Monitor *Rio Grande*, enviado logo ao

amanhecer, até o Timbó. Sua tripulação pôde observar duas dessas embarcações; nesta faina o monitor retornou com 12 das canoas utilizadas pelos Bogavantes (JACEGUAY, 1984).

Com relação às baixas paraguaias, fora os 30 prisioneiros, Jaceguay (1984, p. 318-319) menciona que só no *Barroso* “quarenta e tantos os cadáveres paraguaios lançados ao rio”. Do livro do General Paulo de Queiroz Duarte foi encontrado que apenas “na tolda do *Barroso* ficaram 42 cadáveres” (DUARTE, 1989, p. 48). Presume-se que na parte oficial do Monitor *Rio Grande* conste o número de Bogavantes ali mortos, tendo dois deles ficado prisioneiros. Somam-se a estes valores os soldados que provavelmente pereceram no rio.

Dos objetos tomados dos Bogavantes, Menna Barreto menciona os seguintes itens: “Canoas 12, remos 40, granadas de mão 29, foguetes a congreve 9, tubos incendiários 4, carabinas 8, lanças 7, espadas 10, velas mistas 12, croques de abordagem 5, patrona 1, cartucheira 1” (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 25 jul. 1868).

Diante da abordagem de 2 de março, onde os marinheiros se encerraram na coberta, torres e casamatas dos navios, os idealizadores do novo plano de abordagem sabiam que existia grandes chances de isso acontecer novamente. Em vista disso, um novo tipo de granada oblonga foi construída, porém o que mais chamou atenção para as tropas imperiais, e é citado pelo depoimento do prisioneiro Guerreiro, foram os “tubos incendiários que produziam Mixtos Asfixiantes”. Infelizmente não foram encontradas maiores informações sobre sua composição, em teoria deveriam desprender gases tóxicos após serem lançados no interior do navio, que impediriam que os marinheiros ali permanecessem. Na prática, assim que esses instrumentos foram arremessados

por alguma abertura, eram rapidamente apagados (JACEGUAY, 1984; CARDOZO, 1977; WHIGHAM, 2013; GALVÃO, 1922).

A notícia da abordagem chegou ao quartel-general do Marquês de Caxias durante a madrugada, por um oficial a cavalo, já que o fio do telégrafo havia sido cortado. O Diário do Exército registrou que

às 7 horas da manhã tendo recebido parte de não haver novidade nas descobertas de campo, S. Ex. o Sr. General em chefe montou a cavalo e acompanhado do seu estado maior e piquete, dirigiu-se para o referido acampamento, no intuito de colher dos prisioneiros feitos, revelações que pudessem servir-lhe de base para alguma operação imediata e decisiva (DIÁRIO DO EXÉRCITO *In*: RIHGB, 1926, p. 426-427).

O novo acampamento paraguaio, montado acima de Tagy, na foz do Rio Tebicuari, preocupava as tropas da aliança, pois, mesmo antes da queda de Humaitá, uma nova fortificação fora erigida às margens do Rio Paraguai, obrigando os navios a deter marcha a caminho de Assunção. Caxias escreveu que essa “operação imediata” consistia em fazer

seguir rio acima os dois mencionados navios, levando ambos arvorados a bandeira paraguaia e com as guarnições disfarçadas com roupas que se assemelhassem das forças assaltantes, misturados com os prisioneiros destes sobre o convés; afim de aproximarem-se o mais possível do acampamento inimigo sobre o Tebiquary, procederem a um rigoroso reconhecimento e colherem todas as outras vantagens que fosse possível obter deste estratagema (DIÁRIO DO EXÉRCITO *In*: RIHGB, 1926, p. 427).

Caxias chegou em Tagy às 9h30, embarcou imediatamente no Encouraçado *Barroso* e expôs seu plano, sendo contestado pelo comandante de que “não tinha em seus paíóis o combustível necessário para aquela operação, pelo que deixou ela de ser realizada” (DIARIO DO EXÉRCITO *In*: RIHGB, 1926, p. 427). Caxias desembarcou, visitou Etchebarne, interrogou alguns prisioneiros, passou em revista ao Exército e conferenciou com Menna Barreto e o General Victorino. Após seu retorno ao quartel-general, ordenou por meio do telégrafo ao Barão da Passagem o envio de carvão aos dois navios em Tagy. Nessa época, os navios da divisão acima de Humaitá estavam sendo abastecidos por um caminho no Chaco ligado à Lagoa Verá.

Após o fracasso da abordagem não havia mais esperança em manter Humaitá. No dia 18 de julho, ocorreu no Chaco a Batalha de Acaiuasá, com relativas perdas para os aliados. Caxias reforçou as tropas do Chaco com mais homens, além de ordenar a passagem de mais três navios encouraçados pelo Passo de Humaitá (21 jul. 1868). No dia 24 de julho as defesas do passo da foz do Tebiquari foram forçadas por três navios sob o comando do Barão da Passagem, que levava como “vaqueano” o Sargento paraguaio Assencio Pereira, aprisionado na abordagem em Tagy. Essas embarcações canhonearam o acampamento de San Fernando e o local de treinamento dos Bogavantes, onde estavam ancorados alguns navios paraguaios – arroio Recodo.

Neste momento, a ordem de evacuação de Humaitá já havia sido expedida, sendo executada na noite de 24 de julho. No dia posterior, 25, os aliados ocuparam essa praça e partiram em direção ao Chaco, visando aprisionar a guarnição. A tropa e os civis paraguaios foram encurralados em uma península denominada Isla Poí. Como único meio de fuga deve-

riam atravessar a Lagoa Verá e para isso dispunham de poucas canoas. Ferrenhos combates de abordagem em canoas ocorreram, e mesmo com o auxílio das tropas de Timbó, os remanescentes foram obrigados a se renderem, o que só ocorreu no dia 5 de agosto.

Deste modo, em torno de Humaitá, ocorreram três tentativas de abordagens aos navios imperiais: a primeira, sobre o monitor *Alagoas* ao passar por Timbó em 19 de fevereiro; a segunda, abaixo de Humaitá em 2 de março; e por fim, o combate neste trabalho discutido. Até o fim da guerra, uma quarta tentativa ainda ocorreria, na Campanha das Cordilheiras.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A abordagem em Tagy por si só já apresentaria grandes dificuldades, mesmo que somente o monitor ali estivesse presente, no local almejado pelos paraguaios, e que o plano de abordagem não fosse de conhecimento aliado. Alertados pela abordagem de 2 de março de 1868, é crível que os comandantes dispunham de todas as precauções necessárias. O uso da vegetação como forma de mimetismo a princípio foi algo engenhoso, porém, aqueles camalotes descendo a correnteza de forma cadenciada acabavam por denunciarem a presença de algo anormal.

Outro fator importante era a claridade promovida pela fase da lua e a presença ou não de nuvens. A luminosidade deveria ser clara o suficiente para que os assaltantes pudessem notar a silhueta do navio e direcionar o par de canoas para a proa do encouraçado e, escura o bastante para permitir que a sentinela de proa do navio só avistasse os assaltantes quando já muito próximos. Tanto Jaceguay quanto Menna Barreto são acordes de que na noite da abordagem o luar era intenso, promovendo uma grande claridade. Tal fato permitiu que a sentinela de proa

observasse a vinda dos camalotes cadenciados a uma relativa distância, tendo tempo suficiente para se recolher à cobertura e avisar a guarnição de modo a postar-se em suas posições de combate.

A manutenção dos sete combatentes na parte superior da casamata do *Barroso* concorreu para que os abordantes ficassem sem nenhum local abrigado, sendo atingidos pelas seteiras e portinholas da casamata. Além de receberem continuamente os tiros e golpes com armas brancas daquela posição, que por diversas vezes tentaram ali galgar.

A dificuldade, ou mesmo impossibilidade, de abordar os dois navios ao mesmo tempo possibilitava que a embarcação livre se movimentasse em socorro daquela que havia sido abordada – o que ocorreu – com o *Rio Grande* metralhando as canoas que ainda não haviam conseguido atracar. Com base nos documentos e fontes analisadas, presume-se que o monitor não tenha chegado a disparar sobre o convés do *Barroso*, pois a exemplo de 2 de março, esses disparos poderiam ser muito danosos à própria guarnição do navio abordado.

Outro recurso que influía na dificuldade da abordagem residia na posição em que os navios estavam, os milhares de homens e os vários canhões do forte de Tagy varreriam com seus disparos todo e qualquer combatente presente no convés do navio, desde que este estivesse em alcance.

A impossibilidade de desalojar a guarnição do interior do navio visto falhar os “Mitos Asfíxiantes” foi, provavelmente, o grande motivador do fracasso da abordagem. A impossibilidade de conseguirem adentrar naqueles espaços os deixavam expostos aos disparos e golpes de armas brancas vindos do interior da casamata. A resistência foi tamanha que, segundo relatado pelo comandante do *Barroso*, em menos de uma hora o navio já se encontrava livre da abordagem. Segundo o mesmo comandante, o *Rio Grande* em menos de cinco minutos estava com o convés novamente em posse da guarnição.

Infelizmente são desconhecidos os detalhes sobre o tipo de treinamento que os Boga-vantes receberam, que informações dispunham sobre os navios a serem abordados, além dos detalhes sobre o tipo de armamento que empregaram e o porquê de não terem sido eficientes. Apesar do arrojo desses soldados e marinheiros, ao que pôde ser auferido, faltavam-lhes meios e táticas para alcançarem seus objetivos.

## REFERÊNCIAS

### Periódicos

Biblioteca Nacional - RJ – Hemeroteca Digital:

CORREIO MERCANTIL. Exterior: notícias do rio da prata. Rio de Janeiro. 27 jun. 1868

DIARIO DE PERNAMBUCO. Exterior. Pernambuco. 09 jul. 1868

DIARIO DE SÃO PAULO. Notícias da Guerra. São Paulo. 04 jul. 1868

DIARIO DO RIO DE JANEIRO. Exterior – Theatro da Guerra: extracto de uma carta. Rio de Janeiro. 26 jul. 1868

DIARIO DO RIO DE JANEIRO. Ministerio da guerra: notícias do exército. Rio de Janeiro. 25 jul. 1868

DIARIO DO RIO DE JANEIRO. Ministerio da Marinha: noticias da esquadra. Rio de Janeiro. 24 jul. 1868

DIARIO DO RIO DE JANEIRO. Parte Oficial: ministério da guerra. Rio de Janeiro. 11 maio 1870

JORNAL DA VICTORIA. Noticias da Guerra. Espirito Santo. 08 jul. 1868

JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro. 27 jun. 1868

JORNAL DO RECIFE. Rio da Prata. Recife. 09 jul. 1868

O DESPERTADOR. Santa Catarina. 07 jul. 1868

O GLOBO. Diario da campanha do Paraguay. Rio de Janeiro. 10 jun. 1875

O MERCANTIL. Theatro da guerra. Santa Catarina. 09 jul. 1868

O YPIRANGA. Noticias da Guerra. São Paulo. 03 jul. 1868

SEMANA ILLUSTRADA. Suplemento. Rio de Janeiro. Oitavo anno, nº 399. 02 ago. 1868

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AZEVEDO, Carlos Frederico dos Santos Xavier. *História Médico-Cirurgica da Esquadra Brasileira nas Campanhas do Uruguay e Paraguay de 1864 a 1869*. Typographia Nacional. Rio de Janeiro, 1870.

CAMPANHA DO PARAGUAI. Diario do Exército em operações sob o comando em chefe do Exmo. Sr. Marechal de Exército Marquez de Caxias. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - RIIHGB*, Tomo 91, v. 145 (1922), Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1926.

CARDOZO, Efraim. *Hace Cien Años: crônicas de la guerra de 1864 – 1870*. Tomo IX, Ediciones EMASA, Asuncion, 1977.

CENTURIÓN, Juan Crisostomo. *Memorias del Coronel Juan Crisostomo Centurion: Ó sean reminiscências históricas sobre la guerra del paraguay*. Tomo III. Imprenta de Obras: Buenos Aires, 1897.

DUARTE, Paulo de Queiroz (General). *Os voluntários da pátria na guerra do Paraguai: o comando de Caxias*. V. 3, Tomo III. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1989.

FRAGOSO, Augusto Tasso. *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*. vol. III. Imprensa do Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 1934.

GALVÃO, José Antonio da Fonseca (Visconde de Maracaju). *Campanha do Paraguay (1867 e 1868)*. Imprensa Militar: Estado-Maior do Exército. Rio de Janeiro, 1922.

GRATZ, George Antonio. Encouraçados para o Paraguai? in *Revista Marítima Brasileira*. V. 119, nº7/9 (jul./set.), 1999.

GRATZ, George Antonio. The Brazilian Imperial Navy Ironclads, 1865-1874. In: PRESTON, Antony. *Warship*, London: Conway Maritime Press, 1999-2000.

IMPORTANTE declaración de D. Manuel Palacios In: *PAPELES DE LOPEZ*: el tirano pintado por si mesmo y sus publicaciones. Papeles encontrados em los archivos del tirano-Tablas de Sangre y copia de todos los documentos y declaraciones importantes de los prisioneros, para el processo de la tirania; incluso de Madama Lasserre. Imprenta Americana: Buenos Aires, 1871.

JOURDAN, Emílio Carlos. *Atlas Histórico da Guerra do Paraguay*. Rio de Janeiro, 1871.

MOTTA, Arthur Silveira da. (Barão de Jaceguay). *De Aspirante a Almirante – Minha fé de Ofício Documentada*. Vol. I. 2ª Edição, Serviço de Documentação Geral da Marinha. Rio de Janeiro, 1984.

MOTTA, Arthur Silveira da. (Barão de Jaceguay). *De Aspirante a Almirante – Minha fé de Ofício Documentada*. Vol. II. 2ª Edição, Serviço de Documentação Geral da Marinha. Rio de Janeiro, 1985.

OSÓRIO, Joaquim Luis; OSÓRIO, Fernando Luis. *História do General Osório*. Tomo II, Typographia do Diario Popular, Pelotas – Rio Grande do Sul, 1915.

REBOUÇAS, André. *Diário: a Guerra do Paraguai (1866)*. Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, 1973 (Introdução e notas de Maria Odila Silva Dias).

THOMPSON, George. *Guerra do Paraguai: com um esboço histórico do país e do povo araguaio e notas sobre engenharia militar durante a guerra*. Trad. E notas de Jobim, Homero de Castro. Rio de Janeiro: Ed. Conquista, 1968.

THOMPSON, George. *The War in Paraguay: with a historical sketch of the country and its people and notes upon the military engineering of the war*. London: Longmans, Green, and CO. 1869.

WHIGHAM, Thomas. *La guerra de la triple alianza: danza de muerte e destrucción*. Volumen III. Editora Taurus: Paraguay, 2013.

---

## NOTAS

<sup>i</sup> Agradeço aos pesquisadores Carlos Aleksy Von Horoch Benitez – Paraguai; e Alberto Del Pino Mench – Uruguai, pelo auxílio prestado ao longo dessa pesquisa.

<sup>1</sup> A saber: *O Ypiranga*, *Diário de São Paulo*, *O Despertador*, *Jornal da Vitória*, *Jornal do Recife*, *O Mercantil*, *Correio Mercantil*, *Diário de Pernambuco* e *Jornal do Commercio*.

<sup>2</sup> Publicado originalmente em 1869.

<sup>3</sup> Declaração também publicada no *Diario do Rio de Janeiro*, 11 maio 1870.

<sup>4</sup> Essa fotografia foi tirada no acampamento paraguaio de Azcurra, provavelmente no início



do ano de 1869, pelo italiano Parodi. Cabriza era Ajudante de Ordens do Marechal López, chegou a Cerro Corá, sobreviveu a guerra.

<sup>5</sup> Disponível para download em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221684>. Acesso em: 19 dez. 2020.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.levyleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=42195&ctd=29&tot=&tipo=54&artista=>. Acesso em: 15 jun. 2020. Título original no catálogo: "Foto do Couraçado Barroso na Baía de Guanabara, circa de 1868, 16,5 x 11, com dedicatória e autógrafo de seu construtor, Napoleão Level, Paris, 1904".

<sup>7</sup> Texto original: A las 11  $\frac{3}{4}$  de la noche fuimos abordados por el enemigo, primero el A. *Barroso* que se encontraba al frente y después el *Rio Grande* por más de 20 canoas tripuladas cada una por 12 hombres y um oficial, el assalto que nos trago el enemigo fui dado com impetuo y valor, además teniam em su poder todo lo necessário, como ser granadas de mano y tuos cargados de matérias asfixiantes para cuando nos echasen al interior del buque, encunto fuimos abordados tratamos de la defensa y de maniobrar de modo que pudieramos salvar a nuestro compañero el Monitor *Rio Grande*, que también fui abordado al miesmo tempo.

<sup>8</sup> Essa obra, como outros trabalhos de De Martino, recebeu ao longo do tempo e dos locais por onde esteve denominações diversificadas. Convém citar também que este quadro na data da escrita deste trabalho se encontrava em duplicata na área de exposição digital das obras de De Martino no site do MHN, sendo uma das versões nomeada equivocadamente como "Abordagem dos encouraçados Cabral e Lima Barros". Este título também remete a um trabalho do mesmo pintor, mas com características distintas. Tal confusão se reverbera em parte da literatura acerca deste tema. Tal equívoco também pôde ser notado na exposição temporária "Paisagens da Guerra – A Pintura de E. De Martino" ocorrida em 2018 nas dependências do Museu Histórico Nacional.

<sup>9</sup> Os "suplementos" consistiam em edições extras publicadas e comercializadas em separado e abrangiam um lado da folha, que variava de tamanho. Surgiram graças às inovações das técnicas de impressão. Geralmente não eram datadas. Como título original dessa edição encontra-se: "GLORIOSO COMBATE DOS ENCOURAÇADOS BRASILEIROS BARROSO E MONITOR RIO GRANDE - atacados pelos paraguaios, na noite de 9 de julho de 1868 (desenhado pelas notícias oficiais por C. Linde)".